

Dispositivos da clínica

Berta Hoffmann Azevedo, São Paulo

*Quem me dera
Um mapa de tesouro
Que me leve a um velho baú
Cheio de mapas do tesouro*

PAULO LEMINSKI

Há uma clínica psicanalítica padrão separável da invenção? Penso que não. Ao menos não aquela clínica em movimento vitalizado e vitalizador. Desse ponto de vista, a força da psicanálise não reside na rigidez de formas imutáveis, mas em sua capacidade de reinvenção, presente desde a origem, para criar as condições mínimas que permitam a instalação da transferência e a realização de um trabalho subjetivante.

O título deste número está no plural, e essa escolha, não aleatória, já afirma de antemão uma aposta que desloca a noção de que o consultório é o único espaço legítimo de exercício clínico da psicanálise. Com suas regras de espaço, tempo e pagamento, ele é apenas uma das formas possíveis de clínica e, mesmo no interior dessa prática, a psicanálise inventa diversos dispositivos para atender aos igualmente múltiplos desafios que enfrenta.

Forma e conteúdo, assim, afetam-se mutuamente, e convém pensá-los em articulação entre si. Não é o mesmo escutar alguém no formato divã-poltrona, poltrona-poltrona, na modalidade individual, de casal, família, grupo, instituição, ou num formato a céu aberto na rua. Cada configuração responde melhor a um certo contexto de realidade e demanda. Mapas do tesouro, cujos caminhos moldam e transformam a experiência analítica, redefinindo a maneira como o sujeito pode falar, ser escutado e elaborar seu sofrimento.

Enquanto prática orientada pela escuta do inconsciente em transferência, a psicanálise pode encontrar lugar em contextos institucionais e comunitários, em modalidades bem estruturadas e estáveis ou em situações emergenciais, em que o enquadre tradicional não é possível e nem mesmo desejável. Nesses casos, a reinvenção da moldura permite a manutenção da aposta psicanalítica na sustentação da palavra, no acolhimento do sofrimento em seu contexto e na possibilidade de emergência de algo novo na experiência do sujeito.

Cada dispositivo traz consigo alcances e limitações próprios, nos quais vale a pena pensar. Os do consultório privado, mesmo em suas variações, são mais estudados e formalizados em pesquisas que aqueles reclamados por Freud desde 1918 (no Congresso Internacional de Psicanálise em Budapeste),

para serem criados e ampliarem acesso e circulação da psicanálise a sujeitos historicamente excluídos do campo da saúde mental. Esses trabalhos parecem acontecer com maior frequência em modos experimentais do que orientados por pesquisa e formação prévia dos analistas. É essa lacuna que o presente número da RBP contribui para preencher.

Não basta criticar a máxima simplista “Isto não é psicanálise”. É preciso, além disso, pensar por que e de que modo os múltiplos enquadramentos sustentados por um psicanalista podem ser reconhecidos como prática clínica em psicanálise, sem se converterem em imitação mal-acabada da atuação em consultório, nem em gestos de caridade assistencialista.

O que sustenta a função analítica em dispositivos clínicos que não oferecem garantias fixas de regularidade, frequência e duração dos encontros? O que funciona como estrutura mediadora, capaz de promover e conter a irrupção pulsional e de favorecer a emergência do inconsciente na transferência? O que se escuta e como se maneja o que se escuta? A ênfase recai sobre vias coletivas ou individuais de elaboração? E em que medida se favorece ou não uma disposição regressiva?

A posição ética do analista diante de um sujeito e de seu sofrimento, mais do que a configuração espacial ou temporal do encontro, parece decisiva nessa transformação elaborativa e nos efeitos de subjetivação que a psicanálise propicia. Ainda assim, a forma que o dispositivo técnico assume não é neutra nem irrelevante.

A função sustentadora do enquadre interno do analista (Green, 2012) permite que a psicanálise se realize também em circunstâncias aparentemente adversas. Em situações sociais críticas, as criações técnicas orientadas pela ética da psicanálise nem sempre serão semelhantes às condições de consultório. Elas respondem a conjunturas singulares e se sustentam precisamente na função do enquadre interiorizado, mesmo sem divã ou garantias de regularidade. O enquadre, assim, é menos uma moldura física do que uma posição subjetiva que possibilita a instalação da transferência e a recuperação da magia das palavras.

É o que acompanhamos nos textos reunidos neste número: alguns discutem a noção de dispositivo; outros apresentam suas práticas no território; todos testemunham a vivacidade da psicanálise que, ao ampliar seus dispositivos, não dissolve sua ética, mas, ao contrário, radicaliza-a.

Além dos trabalhos temáticos e dos artigos de tema livre, a seção “Diálogos” apresenta um texto teórico-clínico de Silvia Maia Bracco, “O menino-dossiê e os dispositivos clínicos”, realizado em um ateliê-escola junto a uma criança marcada por múltiplas interseccionalidades. O texto é comentado por Ane Marlise Port Rodrigues e Maria Teresa Naylor Rocha.

Já na seção “História da psicanálise”, Elizabeth Ann Danto aborda o trabalho comunitário desenvolvido por Anna Freud em Viena, entre os anos 1920 e 1930, destacando o compromisso da psicanalista com populações marginalizadas.

Na seção “Interface”, a diretora e dramaturga Janaina Leite assina “Teatro, uma (auto)análise”, em que explora os atravessamentos entre arte e psicanálise, as possibilidades elaborativas do processo criativo e o atual inflacionamento das poéticas do eu.

Por fim, temos o prazer de oferecer aos leitores a tradução inédita em português do artigo “O conceito de potencialidade psicótica”, de Piera Aulagnier.

Esperamos que as páginas a seguir inspirem a investigar e reconhecer os múltiplos dispositivos da clínica, pelos quais a psicanálise vem alcançando cada vez mais novos contextos.

Boa leitura a todos.

Referências

- Freud, S. (2010). Caminhos da terapia psicanalítica. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 14, pp. 279-292). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1919)
- Green, A. (2012). El encuadre psicoanalítico: su interiorización en el analista y su aplicación en la práctica. *Revista de Psicoanálisis*, 69(1), 1-24.

Berta Hoffmann Azevedo

Editora

bertaazevedo@hotmail.com

DOI: 10.69904/0486-641X.v59n3.01